JORNAL SEGURITO

Periódico Para Rir e Aprender

Manaus, Dezembro 2020 – edição 171 – ano 14

Mensagem ao Leitor

Vamos lá, senhoras e senhores!

O ano está acabando e para 2020 só posso dizer ainda bem, mas o que não acaba é a vontade de passar informações sobre Segurança do Trabalho. Nesta edição comentamos sobre: Treinamentos, A música e a SST, uso de modelos, percepção de riscos, procedimentos e para ter cuidado com a burocracia dos documentos.
Espero que gostem e desejo a todos um Feliz Natal e um excelente 2021.

Um abraço,

Prof. Mário Sobral Jr.

Produção do Prof. Mário Sobral no último mês

Jornal Segurito - Youtube

Vd. 224 - O que deve ter em uma AET, segundo o manual da NR 17?
https://www.youtube.com/watch?v=MPDMKLtDCH8

Vd. 122 - Fatores que afetam a percepção de riscos
https://www.youtube.com/watch?v=ZiyeqBlBM_s&t=118s

SST é o Canal - Youtube

O que pode dar errado com o PGR?
https://www.youtube.com/watch?v=Is8990_mSoA&t=10s

Dicas para você conseguir seu novo emprego
https://www.youtube.com/watch?v=J_dlWGNbxN8&t=72s

Segurito em Cast – Spotify ou Soundcloud

#416 - Quais os principais medos dos profissionais de Segurança do Trabalho?
https://anchor.fm/mrio-sobral/episodes/416---Quais-os-principais-medos-dos-profissionais-de-Segurana-do-Trabalho-em6p0h

Segurito na Proteção

https://protecao.com.br/category/blogs/segurito-na-protecao/

Você se prepara para o treinamento?

Antes de continuar, por medo de levar pedradas, preciso deixar claro que acho importante que o profissional de Segurança do Trabalho realize treinamentos periodicamente para aprofundar os conhecimentos, mas fico preocupado da forma como muitos consomem estes treinamentos.
Não estou entendendo, professor. Por acaso tem uma forma certa para poder realizar um treinamento?
Não diria que é a certa, mas acho que seja mais produtiva. Vamos pegar o exemplo das novas normas regulamentadoras. Qual seria o primeiro passo esperado em relação a estas mudanças?

Ler as normas, professor.
Exatamente, meu filho. Porém a leitura nem sempre é realizada e prioriza-se a procura de um curso sobre o tema. Percebe que é óbvio que a assimilação será menor.?
Não consigo entender realizar um treinamento pago sem uma preparação para poder aproveitar melhor a informação passada, para mim é um total contrassenso.
Professor, acredito que o motivo é que as pessoas acreditam em fórmula mágicas. Por exemplo, digamos que determinado profissional não sabe absolutamente nada sobre PGR, muitos acreditam que ao realizar um treinamento terão todos os problemas resolvidos. Enquanto na prática, por melhor que seja o treinamento, será apenas um orientador que nos dará uma direção a ser tomada, ninguém irá pegar na nossa mão para fazer junto com a gente nenhuma ação.
Meu filho, você está cada vez mais maduro e espero que os leitores tenham esta mesma visão, pois realizar um treinamento com uma boa preparação pode significar até que você não precisará mais realizá-lo e poderá investir o dinheiro em outra capacitação mais aprofundada.

Mário Sobral Jr
Eng. de Segurança do Trabalho

Fiz aquisição deste livro no fim do mês passado e estou gostado da leitura. É composto de diversos artigos sobre o tema de fatores psicossociais e não preciso falar que precisamos estudar cada vez mais sobre isso (acabei falando).

BOA LEITURA!

Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho
Filo Czar
Maria Luiza Gava Schmidt (et all)

Piadinhas

Minha vida está igual um cubo mágico: quando acerta de um lado, do outro fica todo errado.

Minhas aulas online estão parecendo sessão espírita, toda hora fico perguntando: "João, você está ai?" , "Maria, você me ouve?", "Tem alguém nessa sala?".

Cada vez sei menos de SST

Professor, não sei mais o que eu faço.
Qual o problema, meu filho?
Estabeleci uma rotina de estudo para tentar aprender mais sobre Segurança do Trabalho e depois que eu fiz isso não consigo mais fazer o meu serviço direito.
Não entendi, explique melhor.

O que acontece é o seguinte: eu tenho estudado conforme os problemas aparecem na empresa, por exemplo, estes dias estudei um pouco mais sobre Ergonomia, faz alguns dias estava estudando sobre ruído e assim vai, porém quando eu começo a estudar percebo que as ações que eu realizava não estavam completas e que ainda tem muito de outras que não sei como implantar.
Excelente, meu filho.
Como assim, excelente? Acabei de lhe dizer que estou me sentindo um ignorante em diversos assuntos e que não estou conseguindo realizar tudo que é necessário e o senhor diz: Excelente!!!
Disse e repito. Excelente!!! Mas deixa eu me explicar, em qualquer área quanto mais nós estudamos, vamos ampliando o horizonte das informações e percebemos que nosso conhecimento é mínimo perto do que se tem disponível sobre o assunto. Ou seja, na hora que você começou a achar que não sabe, você passou para um estágio profissional diferente.
Poxa, professor, mas eu preferia quando eu não sabia que faltava tanta coisa para eu fazer.
É verdade, ser ignorante talvez nos deixe mais feliz e menos preocupados, pois conforme você aprende, os problemas relacionados à Segurança do Trabalho vão se ampliando, ficando mais específicos e exigindo mais informações. Por fim, quando você achar que tem a solução e finalmente atira, você até acerta em parte do problema, mas o resto sai na revoada como se fosse um bando de pássaros assustados.
Mário Sobral Jr - Eng. de Seg. do Trabalho.

Piadinhas

Antes da virada do ano, eu quero ler os termos e condições de 2021. Porquê da última vez eu não li, e olha no que deu.

Está confirmado, sou pobre mesmo. Dois meses que lançaram a nota de 200, e eu ainda não peguei uma.

Ficar velho é péssimo. Você esquece a chave, o celular, a carteira, a máscara... mas se toca uma música dos anos 80, lembra da letra, cantores e até coreografia.

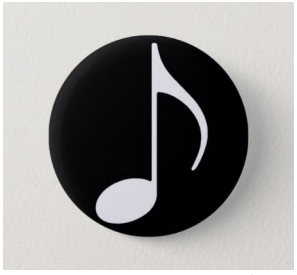
Você é muito mão fechada. Por que não troca esse chinelo? "Para que? O prego está novinho".

Já decidiram se o Natal desse ano vai ser presencial ou on-line?

Na entrevista de emprego: Você tem experiência em algum cargo administrativo? "Sou administrador de um grupo de WhatsApp".

Construção: A Música e a SST

Na música 'Construção' de Chico Buarque, além da métrica (dodecassílabos), do arranjo, do ritmo, da sonoridade (efeito homofonia com versos terminados em proparoxítonas), que creio que grande parte dos brasileiros conhecem e admiram a excelência desse ícone da MPB, o compositor apresenta um recorte histórico e a criticidade social para o ambiente da segurança do trabalhador da construção civil.



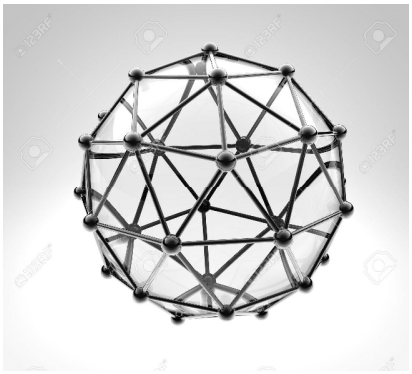
A canção apresenta um dia de um trabalhador da construção civil, afinal, seu último dia: O pedreiro trabalhava em condições precárias de trabalho e segurança; e morre ao cair do prédio em que trabalhava.
A letra de 'Construção' foi escrita no início da década de 70, mais especificamente em 1971. O que acontecia nos âmbitos trabalhistas e de prevenção no Brasil daquela década?

Na edição 24.099 do Jornal Correio da Manhã, na coluna Anexo de 1971 no Rio de Janeiro, a chamada da capa é "Quando o Trabalho é um risco de Vida", em seu primeiro parágrafo apresenta que no ano de 1970 (um ano anterior à letra) "1.218.393 operários foram acidentados no trabalho. Desses, 40.947 jovens e chefes de família foram julgados incapazes permanentemente. O Saldo de mortos também é trágico: 2.232 operários. (...) E a causa que se tem a apontar para o registro de números significativos nas construções e nas fábricas é uma só: a ausência de aplicação das leis sobre a segurança do trabalho", lembrando que havendo ainda a subnotificação de acidentes - que existe até hoje -, o número de acidentalidade é ainda maior.
Um ponto interessante do início de 1971 foi o Decreto 68.213, de 11 de fevereiro, no qual o Presidente da República, então Emílio Médici, instituiu a Medalha do Mérito da Segurança do Trabalho às pessoas físicas e jurídicas que realizassem ações de prevenção de acidentes na busca da segurança do trabalho.
Também ainda naquele ano, por meio do Decreto 68.255, de 16 de fevereiro - 6 dias após o Decreto acima -, foi instituído, em caráter permanente, a Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho.
Em 1972, integrando o Plano de Valorização do Trabalhador, os itens higiene e segurança juntamente com os serviços médicos passaram a ser obrigatórias em todas as empresas com cem ou mais trabalhadores.
E em 1977 a Lei nº 6.514 alterava o Capítulo V da CLT, agora relativo à segurança e medicina do trabalho.
A NR-18 só seria publicada 7 anos após a composição da música, por meio da Portaria 3.214 de 1978, chamada na época de "Obras de construção, demolição, e reparos".
Aquela década foi muito importante para a Segurança do Trabalho no Brasil. Será que a música, com sua crítica e exposição da realidade aos níveis de acidentalidade que os brasileiros estavam expostos influenciou nas tomadas de decisão frente aos cuidados em SST que viriam?
A gente gosta de pensar que sim, pois a música, assim como o conhecimento histórico, tem o poder de mudar uma sociedade para melhor e quem sabe diminuir a impunidade frente ao crime contra a vida em acidentes de trabalho, para que não seja mais como no fim da música: "Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair. Deus lhe pague".

Plácido Lima - Arquiteto e Urbanista
Engenheiro de Segurança do Trabalho

É bom usar modelos?

Professor, tenho lido alguns artigos na área de Segurança do Trabalho e é comum apresentarem modelos diversos com uma visão de como determinadas situações devem se comportar, mas quando eu estudo um pouco mais sobre o assunto percebo que os modelos não funcionam sempre. Não seria melhor não usar os tais modelos já que não representam a realidade?



Meu filho, entendo sua frustração, mas um modelo é exatamente uma simplificação da realidade, para que possamos considerar apenas parte do contexto e a partir destes dados avaliar alguma situação.

Mas, professor, se os modelos não são completos como vou ter certeza de que ele não está desconsiderando uma parte essencial do processo analisado?

Excelente pergunta! Realmente é uma consideração importante. Por exemplo, os modelos atuais relacionados a acidentes do trabalho sempre consideram que algo quebrou ou algo deu errado e como consequência ocorre o sinistro, mas isto não é 100% correto, um acidente pode ocorrer com o trabalhador seguindo o procedimento e com o processo funcionando da forma esperada.

Como assim, professor?

Nosso modelo atual pensa sempre em causa e consequência, em uma sequência linear dos eventos. Nos faz acreditar que o trabalhador tomou a decisão completamente informado e que conhecia tudo que era possível e necessário, além disso, considera que esse trabalhador é capaz de lidar com toda esta montanha de informações e sempre tomará a decisão correta, independente da pressão do processo, do tempo disponível ou do seu grau de conhecimento sobre o processo e apesar de tudo isso, caso não tome a decisão esperada ou foi incompetente ou agiu de má fé.

Infelizmente é verdade, vejo com frequência análises de acidentes identificando apenas os culpados.

Porém nestas análises de acidentes nem sempre se considera que os sistemas estão cada vez mais complexos e que os modelos utilizados consideram situações como sendo simples e lineares. Por fim, ainda tem mais um complicador, dão a entender que se particionarmos o processo e estudarmos as partes conseguiremos entender o todo e o porquê da falha.

Tenho escrito com frequência que precisamos conhecer mais o contexto para diminuir a distância da visão de mundo que fomos educados em relação a realidade a cada dia mais complexa e imprevisível, pelo menos com o uso dos atuais modelos com visão reducionistas.

Mário Sobral Jr

Eng. de Seg. do Trabalho

A percepção de risco não é padronizada

Tá certo, meu filho, sei que é importante aumentar a percepção de riscos dos trabalhadores, mas não é algo tão simples como você está pensando.

Por que, professor? Tenho certeza de que se levantássemos os riscos da empresa e tivéssemos tempo disponível para treinar os trabalhadores, aumentaríamos a percepção dos riscos e os acidentes iriam diminuir.

Pois eu não tenho certeza de nada. Pensando melhor, tem a história da morte e desta não tem como deixar de ter certeza, mas em relação à percepção dos riscos não é tão simples. Não estou dizendo que a sua ideia é ruim, mas o aumento da percepção de risco não é algo homogêneo para todos os trabalhadores, depende da experiência pessoal e da subjetividade emocional.

Não entendi, não. Explique melhor esta história.

Imagine um trabalhador que já caiu trabalhando sobre um andaime e se machucou, neste caso há a possibilidade de o aumento da probabilidade deste trabalhador considerar esta atividade mais arriscada que os demais trabalhadores.

Entendi, professor. Mas pensando desta forma a avaliação de risco realizada por dois profissionais de Segurança do Trabalho não necessariamente será similar.

Perfeito, meu filho! Dependendo da vivência, do conhecimento, do modo de pensar e de agir a avaliação destes dois profissionais será diferente e, o pior, cada um irá justificar com "evidências" por que tal situação tem maior ou menor risco.

Professor, quer dizer que o inventário de risco da nova NR 01 e principalmente a sua avaliação de risco não será algo tão padronizado, pois podemos ter resultados diferentes em uma mesma empresa?

Exatamente! Vejo profissionais preocupados com a metodologia mais precisa, mas não percebem que apesar de ser importante a busca da metodologia mais adequada, nunca será possível total precisão, pois são apenas ferramentas e só serão bem utilizadas de acordo com as habilidades de quem estiver aplicando, ou seja a percepção e consequentemente a gestão dos riscos depende de cada trabalhador compreender os riscos associados às suas próprias atividades e de trabalharem no sentido de reportar, auxiliar na diminuição e controle dos riscos.

Aproveito pra sugerir um vídeo que fiz sobre fatores que influenciam na percepção de risco, o link é o seguinte: https://www.youtube.com/watch?v=ZiyeqBlBM_s

Mário Sobral Júnior

Piadinhas

Me chama de máscara, e volta correndo atrás de mim.

Ninguém é tão bonito, como nas fotos do Instagram. Mas também, não é tão feio, como nas fotos de documento.

Gata, meu amor por você é igual barulho de carro velho: não tem como esconder.

Conversando sobre procedimentos

Aconteceu um problema, vamos realizar as ações imediatas e na sequência elaborar um novo procedimento. Esta tem sido a resposta de muitas das falhas identificadas por meio de investigações e análises de acidentes.

Mas o que um procedimento passa de informações ao trabalhador ou pelo menos tenta passar?

- o que fazer
- quando fazer (sequência, sincronização)
- como fazer isso
- quem deve fazer isso (compartilhamento organizado de tarefas)
- o que observar e o que verificar
- que tipo de informação deve ser repassada

Mas na prática os procedimentos descrevem mais ou menos este passo a passo, ou seja, elabora o procedimento, treina o trabalhador e estabelece as regras para que siga o procedimento, pois desta forma a Segurança do Trabalho estará 100% garantida. Ou seja, tenta entregar a receita de bolo, a diferença é que nas empresas os ingredientes e os boleiros mudam o tempo todo, às vezes até em um mesmo dia temos diversas mudanças.

Além das empresas, o Estado, estabelece diversos procedimentos. As Normas Regulamentadoras aumentam os campos de intervenção, mas nem sempre com o conhecimento prático e principalmente com a velocidade necessária para atender as mudanças.

Professor, mas qual seria a alternativa? Alguém pode ser perguntar.

Realmente não vejo muitas, uma das tentativas é a autorregulação, que iremos iniciar a tentativa com empresas de menor risco. No entanto, desta forma, sabemos que também não alcançaremos ideal, pelo menos no médio ou curto prazo.

Mas por que somos tão dependentes dos procedimentos?

É mais fácil avaliar os desvios estabelecidos em procedimentos do que entender o contexto em que cada atividade está sendo realizada e avaliar caso a caso. Porém os procedimentos não têm como estabelecer as decisões para situações não previstas. E estas ocorrem diariamente, como por exemplo: aumento da carga de trabalho, máquinas que precisam de manutenção e presença de novos produtos ou clientes e muito mais. Ou seja, o procedimento é elaborado em um determinado contexto e depois fechamos os olhos para as condições reais a que o trabalhador ficará exposto.

Além disso, por melhor que seja um procedimento ele nunca está 100% completo e sempre terá uma margem para interpretação, porém esta autonomia necessária e previsível, para muitos é considerada um desvio. Na verdade, em geral, a empresa está ciente que os procedimentos estão sendo manipulados, mas se a produção não sofre impacto, então isto é ignorado, porém se por acaso em função deste desvio ocorre um acidente ou alguma outra consequência considerada inadequada, a primeira pergunta que será feita é a seguinte: O trabalhador estava seguindo o procedimento?

Caso não tenha seguido, já temos o motivo do erro, basta talvez revisar algo, caso considere necessário, treinar novamente os envolvidos e a solução foi dada. Ou seja, pensando desta forma parece que o sistema é perfeito e as pessoas envolvidas é que não são confiáveis.

Porém pode ter certeza de que nesta mesma empresa boa parte destes procedimentos nunca foram realmente seguidos e o trabalhador fazia diariamente os ajustes necessários na vida real para evitar o acidente e a empresa considerou normal.

Há um estudo da Socióloga Mathilde Bourrier sobre as razões que tornam tão difícil seguir um procedimento

- Incompletude estrutural da regra;
- Variabilidade de processos e pessoas;
- Condições de uso e de aplicação nem sempre muito bem definidas;
- Considerar situações ideais.

Mas o que fazer então, professor?

Vamos imaginar o seguinte e se o trabalhador tivesse tanta informação quanto as pessoas que elaboraram o procedimento, ou melhor, ou se ele tivesse ajudado nesta elaboração, já que sabe como funciona a vida real da empresa?

Ou então, quem sabe a empresa possa estabelecer que devemos aplicar o procedimento como um norteador, mas que o trabalhador pode, ou melhor, deve tomar as decisões quando o procedimento não corresponder à realidade do processo.

Sei que dar esta liberdade assusta, mas nenhum trabalho pode ser reduzido a regras imutáveis. Lógico que para isso a empresa precisa envolver os trabalhadores, capacitá-los, dar a segurança necessária para que estas decisões possam ser tomadas.

Mário Sobral Jr - Eng. de Seg. do Trabalho.

Não foque apenas no papel

Tenho estado preocupado com o rumo que a Segurança do Trabalho está tomando em algumas empresas.

Qual rumo, professor?

Para muitos profissionais o importante é produzir a papelada necessária para atender a legislação, como consequência passam a agir apenas como se estivessem fazendo algo burocrático, sem levar em consideração o fazer a coisa certa, ou seja, a proteção da saúde e segurança dos trabalhadores.

Mas se não fizermos a documentação, podemos ser multados e eu achava que se atendêssemos a legislação consequentemente estaríamos fazendo esta proteção.

Infelizmente isto não é necessariamente verdade. Papel aceita tudo, por exemplo, o que adianta preencher uma permissão de trabalho para um trabalho em altura feita do escritório? Mesmo que esteja atendendo a obrigatoriedade legal, na prática não está fazendo praticamente nada pelo trabalhador, pois não avaliou realmente os riscos.

Mas o senhor não acha importante ter toda a papelada?

Para ser sincero, não. Precisamos focar nas atividades e consequentemente no trabalhador. Não adianta tornar o serviço do SESMT complicado se não teremos condições de realizá-lo. Além disso, quanto maior a burocracia, maior a frustação dos trabalhadores.

Mas o senhor quer que vire uma anarquia, com tudo solto?

Não coloque palavras na minha boca, uma coisa é o excesso de procedimentos e regras e outra coisa é largar de mão. O nosso objetivo não é carregar a Segurança nas costas, mas sim fazer com que os trabalhadores estejam cientes dos riscos relevantes nas suas atividades, conseguir fazer com que tenham capacidade de gerenciá-los e posteriormente relatá-los para que a empresa aprenda cada vez mais. Ou seja, nosso serviço é fazer com que fiquemos cada vez mais desnecessários, se conseguirmos isso, pode parecer contraditório, seremos insubstituíveis.

Mário Sobral Jr
Eng. de Seg. do Trabalho.